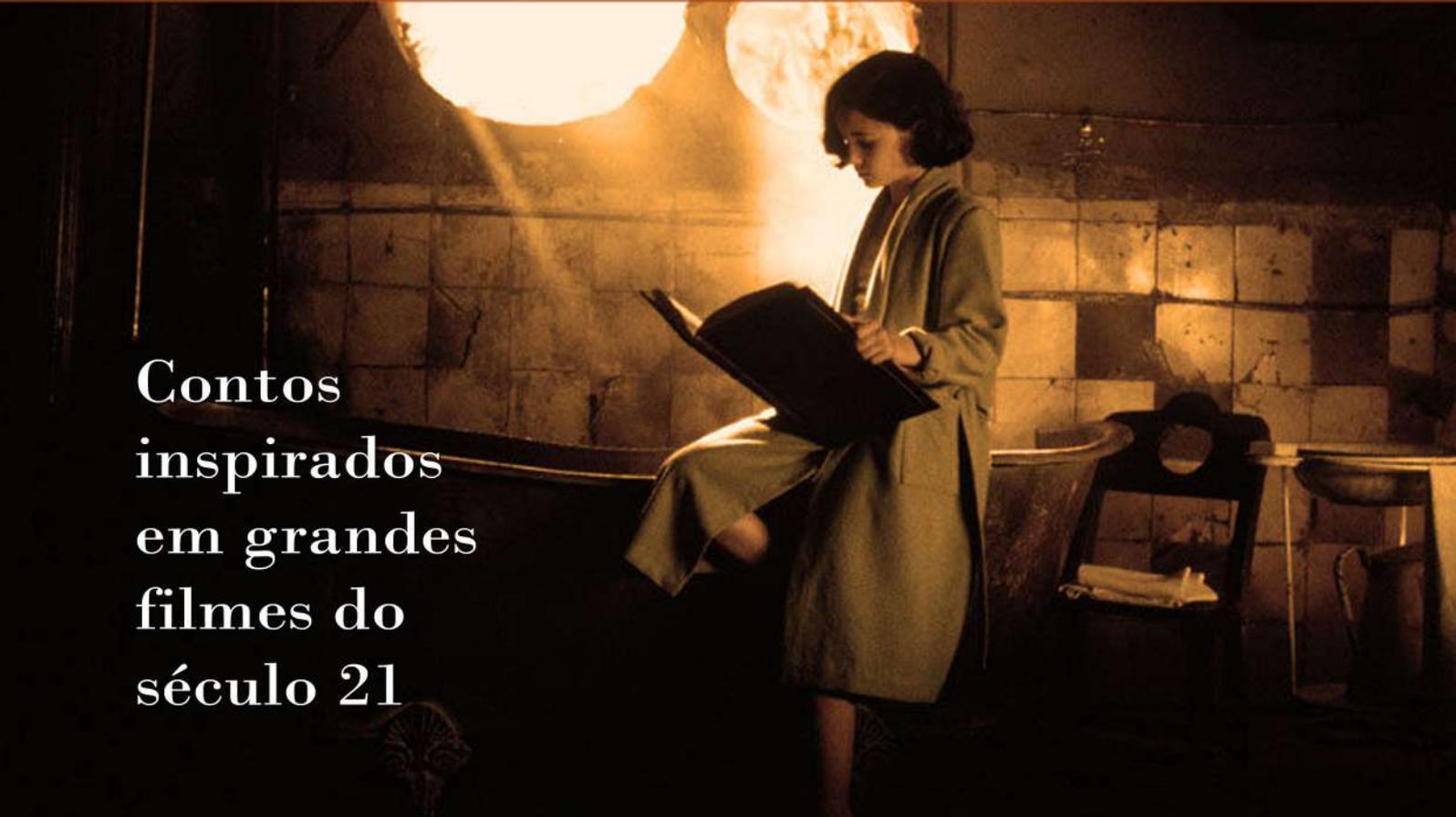




Álbum  
de Memórias

# das Telas às Letras



Contos  
inspirados  
em grandes  
filmes do  
século 21

Copyright © Álbum de Memórias, 2021.

*Das Telas às Letras – Antologia de contos*

**Edição, diagramação e capa**

Bruno Flores

José Fontenele

**Imagens de capa**

Filmes “O Pianista” (2002) e “O Labirinto do Fauno” (2006).

Imagens usadas no miolo são referentes às obras cinematográficas que inspiraram os respectivos contos.

**ISBN:** 978-65-00-22325-5

Todos os direitos desta edição reservados à:

**Álbum de Memórias**

[contato@albumdememorias.com.br](mailto:contato@albumdememorias.com.br)

[www.albumdememorias.com.br](http://www.albumdememorias.com.br)

# das Telas às Letras



# SUMÁRIO

- 04 **Tributo à tela grande** – Introdução
- 07 **Desrazão**  
*Marcia Del Fiore*
- 10 **Bossa**  
*Simone Leistner*
- 13 **Bela vitória**  
*David Ehrlich*
- 17 **O primeiro emprego de Chicó**  
*Wesley Ribeiro Dias*
- 20 **A agulha, a linha e a praça**  
*Espedito Vicente*
- 23 **Não chora**  
*Leonardo Gênesis*
- 26 **Do lado de baixo da linha do trem**  
*Fernando Antonio Prado Gimenez*
- 30 **O labirinto de Moana**  
*Raphael Carmesin*
- 33 **Uma companhia excepcionalmente agradável**  
*Gabrielle Mastella de Oliveira*
- 37 **Desassossego**  
*Ana Paula Vilela*
- 41 **Depois da meia noite**  
*Fabiana Souza*
- 44 **Ele**  
*Ximena Morais*
- 48 **Umas e outras**  
*Juliana Garbayo dos Santos*
- 51 **O último dos Blüthner**  
*Filipi Gradim*
- 55 **Pietà**  
*Magaly Cunha*

# TRIBUTO À TELA GRANDE

A sala de cinema sempre foi um espaço de comunhão de histórias. Ali, mergulhados no breu, guiados apenas por luz, som e imagens, compartilhamos um mundo novo e a jornada dos personagens junto com os outros “habitantes” daquele imaginário audiovisual.

Com o surgimento das plataformas de *streaming*, dos catálogos de TVs por assinatura ou o próprio *download* de filmes na *web*, muito se ponderou se os dias do cinema estariam contados. Mas isso não aconteceu, e a tela grande continuou reinando com seu público fiel, ávido por compartilhar a experiência de uma boa história.

No entanto, com a eclosão da pandemia do Covid-19 no Brasil, em março de 2020, e a conseqüente necessidade do isolamento social, muitos cinemas fecharam as portas por tempo indeterminado, alguns funcionando com poucas sessões e limitação de público. Restou o cinema em casa, com o filme *pausado* toda hora para um lanche, uma ida ao banheiro ou para se atualizar com as mensagens no celular. Nem precisa ser cinéfilo para notar: está longe de ser a mesma coisa.

Portanto, como homenagem à tela grande que tanta falta nos faz, o Álbum de Memórias lançou o concurso literário *Das Telas às Letras*, que propôs a escrita de contos a partir de filmes marcantes do século 21.

É notável, com a constante adaptação de obras literárias para as telas, que Literatura e Cinema estão cada vez mais interligados, então pensamos no caminho inverso: a escrita de contos inspirados em grandes obras cinematográficas.

Elaboramos uma lista de 45 filmes e, dentre os 200 contos inscritos, selecionamos 15 para compor esta publicação. Há desde histórias que abordam o universo do filme em questão e seus personagens (as chamadas *Fanfics*), até tramas independentes que se inspiram livremente na obra escolhida, sempre com muita criatividade e apuro literário.

Dedicamos uma menção especial a três contos que se destacaram:

**Desrazão**, de Marcia Del Fiore.

Inspirado no filme **Parasita**.

**Do lado de baixo da linha do trem**, de Fernando Gimenez.

Inspirado no filme **Lady Bird**.

**Pietà**, de Magaly Barroso.

Inspirado no filme **Cidade de Deus**.

Com a antologia *Das telas às letras*, deixamos nosso tributo literário à sétima arte, essa imortal forma de expressão artística que tanto nos entretém e nos faz refletir sobre a condição humana, seguros de que em breve ela voltará para iluminar nossos dias.

Boa leitura e bons filmes!

Bruno Flores e José Fontenele.

*Fundadores do Álbum de Memórias*

*O cinema é um modo divino  
de contar a vida.*

**Federico Fellini**



# DESRAZÃO

Inspirado no filme **Parasita**

*Marcia Del Fiore*

**D**as meias encardidas, penduradas, escorria um filete de água cinza, como um resto ou uma diarreia, formando uma poça, uma circunferência precisa, de diâmetro crescente, mas que alguém poderia presumir, isso se fosse um alguém com uma capacidade mínima de poder olhar uma coisa, uma coisa qualquer, e tirar conclusões sobre ela, que em algum momento o diâmetro se estabilizaria, pois aquela água suja estava entranhada nas meias encardidas, não vinha do teto, de uma chuva ou de outra fonte, de modo que quando cessasse de escorrer o diâmetro se

aquietaria, ainda mais porque aquele chão era chão e eis uma poça. Mas não foi assim. O cômodo logo ficou inundado, não pelo filete nem por um cano que se arreventou ou pela chuva jorrando em baldes lá fora até vazar para dentro. Inundou-se repentinamente assim: estava seco e então inundado. Vazio antes e depois cheio quase até o teto, e não foi num piscar de olhos, pois os tinha fechados. Era um sonho. E quando o varal das meias caiu fez um som tum-tum-pá e Kim acordou, sem sobressaltos, só chateado porque era bom sonhar com Chung-sook, Ki-woo e Ki-jung sentados à mesa, rodeando uma pizza e tecendo planos submersos e subterfúgicos. Houve, contudo, um estranhamento pela repentina dúvida se aquele tum-tum-pá era mesmo o cair do varal do sonho ou uma realidade. Teve uma vida breve, falo da dúvida, pois logo um novo tum, um tum-tum-tum na verdade e de verdade encheu os ouvidos de Kim e deles penetrou no seu cérebro, que em confusas sinapses tentou desvendar o que era aquilo, se ali naquele buraco era sempre um silêncio só. E no mesmo instante em que soube exatamente o que era, era um bater, soube também que vinha de baixo do seu catre, que arrastou tão rápido como um impulso para descobrir que havia ali uma portinhola de aço, um alçapão. Entre a surpresa do inesperado e o gesto da mão para virar uma trava e erguer a porta não se contaram vinte ou trinta segundos, quinze só para erguê-la, com um vagar acautelado, ainda mais por dar o vão com um nada, uma escuridão que só depois de um espasmo, tanto da parte de Kim como da escuridão, até que dela, como pixels compondo uma imagem, foi surgindo um rosto, uma cabeça, braços estendidos até um corpo inteiro e também um lamento, uma súplica sussurrada de me ajuda, me ajuda. Era uma garota.

Depois que tudo voltou a ser silêncio, sem mais tum-tums, sem cliques de travas, ranger de dobradiças e respirações ofegantes, a garota olhou comprido para Kim e ele se sentiu agradecido, e talvez por tanto, lhe ofereceu um pouco da pouca água que ainda tinha. Depois de um engolir e um engasgo, a garota também entendeu o olhar comprido de Kim e se explicou. Era Nabi e achava que tinha quinze anos, há oito talvez vivendo em um bunker com o irmão mais velho, não muito, assassinado pelo louco. Louco? Fugiu por um interjacente. O que era isso? Kim não sabia? Era o que ligava os bunkers? Outros bunkers? Quantos bunkers? Onde bunkers?

Kim não sabia que com medo de um ataque da Coreia do Norte, os coreanos mais abastados pediram aos arquitetos que incluíssem bunkers nos projetos das suas

mansões. Não demorou para os empregados dos ricos descobrirem aquelas estruturas e passarem a usá-las eventualmente para fugir de credores ou da polícia. Disso Kim sabia. Mas não sabia que muitos daqueles soterrâneos acabaram percebendo que a vida naqueles bunkers, a despeito da ausência do sol e de ar puro, podia ser muito melhor do que a vida a céu aberto, onde dominavam insensíveis o rei tirano do desemprego e a rainha perversa da desigualdade social, velhacos, camuflados, escondidos atrás de um cenário de prosperidade. O concreto subterrâneo os protegia da miséria, de vinganças, da prisão, e ainda os dava a chance de saborear com certo gozo e tempero de ódio, não como parasitas, antes como hóspedes, os restos da boa vida dos ricos, ainda que com a coceira constante do medo e, o que era pior, da desconfiança. Kim não sabia, e no segundo mesmo em que se acrescentou a ele aquele novo saber, embasbacou-se ante a imagem daquela cidade invertida, daquele mar de bunkers que se espalhavam abaixo da superfície, interligados por corredores escuros, os interjacentes, uma teia, pior, um labirinto onde sobrevivia um louco. Um louco? Que louco? O louco que conseguiu entrar no bunker, que matou o irmão, que ela fugiu até ali e fim. Nabi repetiu a história, com menos ansiedade na voz e, já se podia ver, também mais dona de si e do lugar, olhando ao redor, conferindo que o espaço era menor do que seu antigo buraco, acabou por prender os olhos em uma foto grudada ao lado do catre de Kim, apontou e contou que aquela mulher havia recusado ajuda, quando, fugindo do louco, tinha batido no alçapão de seu bunker. Seus olhos se encheram de ódio e depois de medo quando Kim a sacudiu pelos ombros.

Deitado no chão, com a foto de Chung-sook sobre o peito, Kim tinha os olhos voltados para o teto, uma folha em branco onde desenhava seu plano. Quando Nabi acordasse, ele iria arrastar o catre, virar a trava, abrir a portinhola com todo cuidado, mergulhar na escuridão, matar o louco e se encontrar com Chung-sook, Ki-woo e Ki-jung. E tudo ia ser como antes naquela cidade invertida. Antes da chuva, antes do cheiro, antes do sangue.

**Marcia Del Fiore** é paulistana, tem 67 anos, graduada em Administração com Pós em Logística e com um pé na arte. Gosta de criar - pintar, desenhar com pena e lápis de cor, criar trabalhos em papercraft, fotografar, fazer projetos arquitetônicos. Também gosta de descobrir o que há por detrás das palavras e desta curiosidade surgiram algumas narrativas que publicou: *24 Adeuses*, *Pay tâ – além da história, além da lenda*, *Meu Inventor de Memórias*, *Que fim levou Clarissa*, *As Carmens* e *A última semente púrpura*.



# BOSSA

Inspirado no filme **Encontros e Desencontros**

*Simone Leistner*

**E**ra seu último ano no grupo, ainda não havia recebido a resposta da renovação de seu contrato. Tóquio não era novidade para ele. Do aeroporto iriam para a sessão de fotos, mas, antes, as fãs os aguardavam. O alívio por ser recebido por meia dúzia de garotas histéricas revelou-se em estranhamento. Talvez a estratégia sugerida pelo contratante tenha sido uma furada, ou dez anos de sucesso absoluto seja o limite da fidelidade.

Pedi um quarto separado, os companheiros também não faziam mais tanta questão da presença uns dos outros, era nítido no silêncio de cada um. Ao sair do elevador viu o carrinho da camareira em frente à sua porta, ela ainda retirava as roupas de cama. Entrou, ela pediu desculpas pela demora. Ele serviu um copo de uísque, imaginando como isso seria inconcebível em sua mente no início da carreira.

Ela continuou, enquanto ele sentou-se na poltrona em frente à sacada do quarto 458 do 88º andar. Achou um pouco estranho o comportamento dele, geralmente os hóspedes deste andar, os famosos, não permaneciam no quarto durante a limpeza. Teve medo de que ele fizesse uma reclamação. E se tentasse em seu pouco japonês falar o que estava acontecendo com ela, como sentia falta de sua família, mostrar suas mãos cansadas das fábricas, talvez ele se sensibilizasse.

Ha-jun aproximou-se da sacada, abriu os braços e deu um berro. Ela assustou-se, e mais de perto pôde ver quem ele era. O rapaz soltou seu corpo sobre o sofá com força, e a chamou.

— Poderia trazer mais uma dose, por favor?

De perto ele era mais bonito, mas menos alegre do que na televisão. Não sabia explicar de onde veio a vontade de abraçá-lo, ela não sentia qualquer empatia por cantores de K-pop. Ficou ali, parada diante dele. Quando ela saiu do interior de São Paulo para tentar um emprego no Japão, jamais imaginou que veria tão de perto o dia a dia de tanta gente rica; muito menos previa ficar dez anos longe de casa.

— Você não é de Tóquio?

— Não senhor, sou brasileira — disse em seu japonês ainda meio enrolado.

— Eu também não sou daqui, aliás, acho que não tenho mais casa em lugar algum.

— Faz dez anos que saí do Brasil, às vezes também penso se conseguirei voltar.

Os dois olharam-se.

— Desculpe senhor, já vou finalizar.

Ela lembrou que havia lido no dia anterior sobre o show que fariam, e pensou como ele poderia cantar e dançar diante de milhares de pessoas. Havia nove milhões de pessoas em Tóquio, e eles eram apenas mais dois, será que entrariam nas estatísticas mesmo sendo de passagem? Afinal, Janaína sabia que precisaria voltar um dia, talvez

em breve, pois a mãe já havia pedido mais de uma vez, principalmente após a morte do pai. Não havia tempo para despedidas.

— Você sabe o número da recepção? Quero pedir um lanche.

— Nove, senhor.

— O que há de bom aqui?

— Não sei informar, mas o restaurante da esquina é sempre muito procurado pelos hóspedes.

— Você já comeu lá?

— Não, senhor. Se me der licença, já terminei.

Os olhos dela eram castanhos, bem escuros, levemente pequenos e orientais, com certeza um de seus pais era de origem nipônica. Havia algo na aparência dela que o deixava menos inquieto.

— Venha comigo.

— O que, senhor?

— Venha comigo fazer um lanche.

Ela ficou meio atrapalhada, mas não tinha porque dizer não, seu expediente já chegara ao final, estava com fome e sempre quisera ir ao restaurante da esquina, que tinha uma fachada linda em neon, e a vista panorâmica iluminada durante a noite.

Ele já a esperava na entrada, e ela mal o distinguiu com os óculos e o chapéu. Será que não o reconheceram?

Apenas entraram, conseguiram uma mesa com vista e próxima do pequeno palco, o trio já se posicionava, ela lembrou dos discos de Bossa Nova da mãe. Ele aprendeu com ela que os japoneses amam o estilo. Ela falou sua primeira palavra em coreano.

**Simone Leistner** é uma apaixonada pelos livros, que fez deles uma profissão e estilo de vida. Mentora de escrita, mediadora de leitura e pesquisadora integrante do Grupo Narrativas em Saúde-GHC. Escritora em construção, buscando expressão por meio de contos, poesias e o que mais aparecer pelo caminho. Empregada pública, fez do espaço entre educação, saúde e literatura um ponto de conexão para acolhimento e troca de saberes. Vive em Porto Alegre-RS com a família, rodeada de amigos e narrativas.



# BELA VITÓRIA

Inspirado no filme **O Pianista**

*David Ehrlich*

**J**anusz mal sentia os pés enquanto andava apenas de meias sobre a neve enlameada daquela rua de Varsóvia. Há dois meses andava descalço: um sapato lhe fora roubado durante o levante do gueto, não sabia por quem, pois correu para se esconder e o sapato lhe saiu do pé. Em meio aos tiros, não ousou voltar para pegá-lo, mas quando em um momento de calma arriscou voltar, o calçado não estava mais lá. O segundo sapato, por sua vez, perdeu por estupidez, pois após tanto tempo escondido sem comer achou que seria possível comer o couro, qual Chaplin. Talvez até fosse possível, porém não couro curtido. A disenteria que Janusz teve foi tão forte que

ele tinha certeza que só não morreu porque repetiu a si mesmo que não morreria de forma tão idiota.

Agora que os alemães tinham ido embora, Janusz pôde andar na rua pela primeira vez naqueles longos meses. Não reconhecia Varsóvia, a cidade em que morou a vida inteira e que julgava conhecer como a palma da mão. Aquelas casas tão bem preparadas para aguentar o inverno polonês não tinham quaisquer portas, janelas ou telhados. Muitas mal tinham paredes, e Janusz sentia que poderia derrubá-las com apenas um empurrão... se tivesse força para isso.

Sentia-se perdido, e a sensação, misturada à fraqueza, o deixou tonto. Sentou-se no chão, desolado, a cabeça girando. Primeiro no gueto, e agora no esconderijo, não se lembrava da última vez que pensou em algo que não fosse a própria sobrevivência. Há quanto tempo ele não parava para ver as nuvens no céu? Olhou para cima e viu uma nuvem com um curioso formato de gato... apenas para perceber que não tinha mais ninguém a quem contar isso.

Um homem então sentou ao seu lado na rua. Primeiro chamou-lhe a atenção que em pleno inverno o homem não vestia qualquer casaco. Então notou que o homem, com o rosto descoberto e o peito protegido apenas por uma camisa, parecia tomar extremo cuidado para manter as mãos aquecidas. Por fim notou seu olhar, e viu nele um olhar que dizia a mesma coisa que passava pela cabeça de Janusz: *o que farei agora?*

— Manter as mãos quentes não vai adiantar se você pegar uma pneumonia — Janusz disse, tentando ser amigável.

— O único casaco que eu tinha era de um alemão — o homem respondeu. — Tiraram de mim para não me confundirem. Quando saí com ele, quase levei um tiro.

— E não te deram outro?!

— Sabe de alguém por aqui que tenha um casaco sobrando?

— Tem razão, foi uma pergunta idiota — Janusz suspirou. — Mas se achar alguém que tenha, pergunte se tem também sapatos sobrando, estou precisando.

O homem olhou para seus pés descalços na neve, e então riu. Janusz também riu, e ambos não conseguiam mais parar. Passaram um minuto rindo sem parar, mesmo sentindo seus pulmões ardendo com o ar frio.

— Não me lembro mais quando foi a última vez que ri — Janusz disse.

— Nem eu — o homem disse, e então estendeu uma das mãos para Janusz apertar. — Władysław Szpilman, prazer em te conhecer.

— Szpilman?! — Janusz imediatamente o abraçou, lágrimas começando a se formar em seus olhos. — Achei que era o único judeu restante nesta cidade!

Władysław passou alguns segundos paralisado de surpresa, até abraçar de volta Janusz. Foi um abraço apertado e longo, como se fossem parentes próximos. Quando enfim se soltaram, Janusz percebeu que Władysław também tinha os olhos úmidos.

— Desculpe, não me segurei — Janusz disse, e pegou a mão de Władysław para apertá-la. — Janusz Szymanowicz, o prazer é todo meu.

Władysław deixou-o apertar sua mão, e então a recolheu de volta, mantendo-a aquecida entre as magras coxas.

— Então ainda restaram judeus em Varsóvia... — Janusz continuou — só espero que os alemães não voltem para eliminar o que deixaram para trás.

— Eles não vão voltar... — Władysław respondeu — acabou. Pelo menos por aqui.

— Acabou mesmo?! Vencemos?!

— Vencemos mesmo? — Władysław olhou Janusz nos olhos, e nada mais precisou ser dito entre eles. Sim, bela vitória essa: dois sobreviventes, sem qualquer conhecido a quem encontrar, sem qualquer lugar aonde ir. Pela primeira vez em tanto tempo, podiam se dar ao luxo de pensar no amanhã... e não conseguiam pensar em nada. Que amanhã era esse, sem uma mesa à qual sentar, e rostos familiares com os quais comer?

— Desculpe — Władysław virou o olhar, arrependido. — Estou com frio. Não devia ter... desculpe. Tem ideia do que fará agora?

— Agora... quero ver se consigo encontrar comida. Um pedaço de pão e uma sopa quente me fariam muito bem. E você?

— Acho que vou com você procurar uma sopa quente. Você tem razão, não adianta aquecer só as mãos e deixar o resto definhar.

— Mas afinal, qual é essa sua fissura com as mãos? O que você é?

— Sou pianista — Władysław respondeu, levantando-se.

**David Ehrlich** nasceu na Alemanha em 1996 e vive em Curitiba (PR) desde os três anos de idade. É graduado em Jornalismo e especializado em Narrativas Visuais. Atualmente é assistente de cadastro na Consulta Remédios. Escreve desde criança e quer escrever ainda mais, sendo já premiado em diversos concursos literários e publicado em várias revistas, sites na internet e antologias tanto digitais quanto físicas, com textos nas categorias conto, microconto, crônica e poesia



# O PRIMEIRO EMPREGO DE CHICÓ

Inspirado no filme **O Auto da Compadecida**

*Wesley Ribeiro Dias*

Quando saíram de Taperoá, João Grilo, Chicó e Rosinha tomaram carona num caminhão de brita que desembarcaria em Patos. Lá, João Grilo,

arguto e matreiro, engendrou o próximo destino do trio, que precisava arrumar alguma coisa pra fazer.

— E se a gente for pro Ceará, Chicó? — perguntou João Grilo.

— Oxe! Nós nunca pisemos lá, ôme, fazer o quê?

— Eu falei para o Coronel Moraes que você era doutor em ciências ocultas, filosofia dramática, pediatria charlatânica...

— Já sei, já sei, astrologia eletrônica etc, etc — completou Chicó — mas, Grilo, cê tá louco? Eles vão querer o diploma.

— Deixe comigo.

De Patos, eles pegaram carona num caminhão de refrigerante até Iguatu, no Ceará, onde ficaram sabendo de uma seleção para professor substituto no IFCE de Crateús. O trio montou o currículo de Chicó e ainda ensaiou as perguntas que a banca poderia fazer. Subiram numa carroça até Acopiara, um pau de arara até Independência e uma topique com ar condicionado à Crateús.

A seleção era de caráter premente, então análise curricular, entrevista e aula seriam feitos todos ao mesmo tempo pela banca composta pelos professores Flávio, Aelton e Priscila.

Quem entrou na sala primeiro foi João Grilo, o porta-voz de Chicó. O professor Flávio começou a entrevista:

— Vejo aqui no seu currículo que você é doutor em ciências ocultas, filosofia dramática, pediatria charlatânica, biologia dogmática e astrologia eletrônica. É um currículo muito vasto, como o senhor conseguiu tempo para tudo isso?

Chicó engasgou-se e João Grilo o acudiu:

— Professor, Chicó é poliglota, cada estudo desse aí foi num país diferente.

— Hum! Que línguas você fala?

Chicó coçou a cabeça e cutucou o braço do Grilo.

— Chicó fala português do Brasil, imita sotaque de Portugal, fala inglês melhor que eu e assovia em francês.

— Assovia em francês? — perguntou o professor Aelton.

— É só fazer o biquin — murmurou Chicó.

— Mas isso eu também faço — reclamou a professora Priscila. Foi quando o Grilo emendou:

— Cês tão vendo? Chicó já tá se dando bem com os colegas de trabalho. Diga aí, ôme, o que mais você sabe?

— Eu também sei escarrar em alemão, é só forçar bem a garganta.

— Eu vejo que o senhor é um candidato de peso — interpelou o professor Flávio. — Mas quero ver as provas.

— Eu trouxe prova de urina, de feze, de sangue...

— Não, me refiro à outras provas.

— Tem uma provinha do queijo de Independência pro sinhô.

— Quero as provas de títulos, seus diplomas.

— Ah! O sinhô nem me acredita. A gente vinha pelo agreste, três dias e três noites sem dormir, um grupo de cangaceiro apossou nós e eu botei Rosinha num braço, o Grilo no outro e nós corremo, corremo, corremo e os cangaceiro também, até que apareceu meu Padim Ciço e me disse: “Chicó, me dá tua mão, eu te salvo”. Padim Ciço puxou nós pro céu, comemo uma rapadura com ele e voltemo. Aí aproveitei e deixei meus diploma com ele pra ele guardar na biblioteca do céu pra ver se melhora minha imagem por lá.

— Como foi que Padre Cícero apareceu pra você? — indagou Aelton.

— Num sei, só sei que foi assim. E eu faço até uma promessa, que se eu ganhar a vaga, vou doar meu primeiro salário pra diocese de Crateús.

Chicó foi selecionado. Ganhou os primeiros proventos e quando foi ao banco, animado, pra sacar...

— Ô promessa desgraçada! Ô promessa sem jeito!

**Wesley Ribeiro Dias** é escritor e administrador. Natural de Sobral-CE, é o segundo de quatro filhos da Família Dias. Sua obra é repleta de sonetos e historietas que refletem seus episódios cotidianos, seus amigos, suas observações e o amor à sua musa Flávia Morôni. O autor dedica seu conto à sua família, em especial ao seu pai Flávio Dias, que é professor no IFCE de Crateús, cenário do conto.



## A AGULHA, A LINHA E A PRAÇA

Inspirado no filme **The Square: A Arte da Discórdia**

*Espedito Vicente*

**D**epois de um tenebroso 31 de março, na Praça do Povo. Próximo dela uma sala (tipo ateliê/fábrica/alfaiataria/artesanato/pintura e por aí vai...). Quase noite. Latidos do lado de fora. No interior da sala: **Alfaiate** (ou Artesão/Artista/Pintor/Professor...); **Executivo**; vários **Bonecos/Manequins** de estaturas medianas enfileirados; uma tela com a pintura de uma **Espiral** listrada em preto e branco, no fundo. Por um instante, imobilidade. Em seguida **Alfaiate** tenta

passar uma linha na fenda da agulha. A linha está presa a um carretel gigante. **Alfaiate** é pressionado por **Executivo** (que veste figurino misturado: executivomilitartoga).

Vindo da praça, entra na sala **Militante** de boné vermelho na cabeça. Deixa um jornal e um boné sobre o balcão. Olha para **Alfaiate** e para **Executivo** e depois volta à Praça. **Executivo** anda em torno dos **Bonecos**, que estão vestidos com modelos de uniformes de trabalho. Têm mochilas nas costas, óculos e capacetes de segurança. Ao lado deles, um banquinho com a inscrição “Banco”. **Executivo** faz revista nos bolsos e nas mochilas dos **Bonecos**. Tira um livrinho azul. Lê na capa do livro: “O trabalho dignifica o homem”. Folheia. Arranca algumas páginas, as guarda para si e devolve o livro; retira uma marmita de duas partes. Joga fora uma parte. Guarda na mochila a outra. Encontra outro livro maior e mais volumoso. Na capa: “Carta Maior da Nação”. Abre e lê o trecho: “... Todo poder emana do povo...”. Arranca algumas páginas e as joga no chão. Folheia. Rabisca e displicente joga o livro no cesto de lixo.

**Alfaiate** recolhe as folhas e o livro. Critica as falas e atitudes de **Executivo** e suas declarações de que “Só realizo coisas boas para o povo e não sou culpado da existência da pobreza. Ela sempre existiu... Além do mais, são preguiçosos, incompetentes e incapazes de acumular riquezas. Para essa gente, Deus já salvou suas almas. O que acontecer a seus corpos, para eles, e para mim, não tem a mínima importância”.

**Alfaiate**: “Mas, está escrito que é mais fácil um camelo passar no buraco da agulha do que um rico chegar ao paraíso...”

**Executivo**: “Se você não sabe, fique sabendo que sou proprietário da agulha, da linha e pouco me importa quem as produz... sou o próprio camelo... além do que, o Paraíso também é meu.”

**Alfaiate** reage.

**Executivo** amordaça **Alfaiate** sob a alegação de que ele pensa muito, fala muito e faz perguntas. Cobre as cabeças dos **Bonecos** com um pano, ironizando: “Calados e aí parados dão mais sentido às minhas ideias, aos meus interesses e, ignorantes que são, consentem que eu exerça o poder que deles emana.”

**Alfaiate**, tirando a mordaça: “Mas o povo está perdendo a calma!”. Depois grita: “Consegui! Consegui enfiar a linha na agulha!”

**Executivo** tira a agulha com a linha das mãos de **Alfaiate**. Começa a envolver os **Bonecos** com a linha.

**Alfaiate** gira a roda **Espiral** no fundo da sala.

**Executivo** continua enrolando os **Bonecos**. Sobe no banquinho.

**Alfaiate** pega o carretel. Enrola a linha no carretel até ela esticar. **Executivo** cai do Banquinho.

**Alfaiate** olha para os **Bonecos**.

O cachorro volta a latir lá fora. A sala escurece. Uma luz clareia o rosto de **Alfaiate**.

**Alfaiate**: “A quem veio a morte naquela noite, quando o cão latia? Quem ouviu e procurou saber a verdade? A história seria outra? Amanhã seria um glorioso dia, cheio de alegria nesta sala, nas ruas, nas praças das cidades, no ar...”

Sons de sinos. **Alfaiate** estranha os sinos tocarem uma sinfonia tão fúnebre. Desfaz as amarras dos bonecos e os descobre.

**Militante** sai da praça, que está agitada. Entra na sala. Olha de modo significativo para **Alfaiate**, que coloca o boné na cabeça. Ambos olham fixamente para **Executivo**. Caminham em sua direção...

Um corpo estendido no chão. A roda **Espiral** continua girando...

Na Praça do Povo, a febre...

**Espedito Vicente** nasceu em 1944 em Corrente-PE. Veio para São Paulo aos 10 anos, com os pais – Manoel e Dautina. Atualmente mora em São Bernardo do Campo/SP. Formação: Superior Completo em Ciências Sociais (Bacharel e Licenciatura Plena, pela Fundação Santo André – Pós graduado). Professor de Sociologia por 26 anos (aposentado). Atuação: Ator, Dramaturgia e Roteiro.



# NÃO CHORA

Inspirado no filme *À Procura da Felicidade*

*Leonardo Gênesis*

**P**odia ter sido jogador de futebol. O colega no *Whatsapp*. A Avenida Brasil rugia lenta, bexiguenta. Chutava com as duas, a canhota era a melhor. Só os melhores chutam com as duas. Já sua constituição física não era o ponto forte, deve ter sido a fome na infância. Quase sempre é um detalhe que te tira do grupo seletto.

Foi o melhor no curso de formação de praças. Os companheiros tinham orgulho: era o tiro perfeito. “Me amarro nesse filme”, comentou o colega. Olhou de canto de olho. Nada disse. Will Smith agarrado no filho num banheiro de metrô num vídeo

motivacional. “Já vi mais de dez vezes. Choro igual criança”. O Cabo Teixeira ainda comentou que o filho de sete anos também gostava do filme.

A vida é seletiva, o plano fora desenhado anos antes, faltavam detalhes para começar sua própria empresa de segurança. Os ricos andam apavorados, não ia faltar trabalho. O detalhe dependia apenas dele, não podia esperar pela redução do custo Brasil, sabia a verdade: isso aqui é terra de quem mete a mão e toma. Tinha fé em Deus que ia meter a mão no seu.

Não foi o melhor na escola, fora displicente. O desempenho teve uma leve melhora quando os tios o resgataram das ruas, mesmo assim sempre foi medíocre. O professor de Matemática chamou no canto: “Faz prova pra fuzileiro. Vai abrir agora. Você tem condição de passar.” O tio pagou a inscrição. Ele ficou em quarto lugar, ridículo. Na Marinha aprendeu a ser homem, tudo fez sentido, a dor deve ser canalizada na busca dos objetivos. Estes devem ser realistas. O mundo é o que é. Você entra no seu movimento e aprende a usar suas forças destruidoras a seu favor. Depois do Haiti, achou melhor migrar para a PM, o fluxo de oportunidades ali era maior.

“Você tem um plano?” Perguntou. O colega desviou os olhos do vídeo, deixando a voz de Will Smith ecoando dentro da patama. “Tem que ter um plano, entendeu?” Disse provocativo.

Jamais esqueceria a expressão dos tios na sua formatura. Deu uma casa para os dois. Daria mais: o tio sonhava com uma padaria no centro de Nilópolis. A confecção da tia já era uma realidade, mas o negócio tinha que expandir, crescer, sair do quintal de casa, dizia para a velha. A tia não tinha visão, não teve estudo. Daria a vida pelos velhos: matou no Haiti, matava nas favelas. Agir rápido era vital, não podia desperdiçar a crise. Iria construir sua história. Brasil seria o palco; o Rio de Janeiro, o enredo.

“Você não viu o filme mais de dez vezes, porra?” O colega coçou a cabeça. “Quer passar a vida toda correndo atrás de vagabundo?” Sabia da vida do colega. Classe média fodida; a era do colégio particular, do plano de saúde, das três refeições mais sorvete de morango de sobremesa havia passado. Brancos como o cabo Teixeira agora empestiavam a corporação. Continuam sendo os que dão as cartas, porém, a cada dia, mais e mais Teixeiras serviam de bucha de canhão para o Estado. Não perderia seu precioso tempo explicando obviedades para um moleque, que o filho da puta

continuasse gastando seu salário de fome em *Whey Protein*. Ele tinha um objetivo, uma meta. Pretos não têm tempo a perder.

“Vou fazer faculdade de Direito. Meter uma prova pra Juiz.” Nem se deu ao trabalho de virar o pescoço para olhar o colega nos olhos. Apenas suspirou azedo. “Bom.” Mentiu.

Sonho é coisa para filho de rico. O cara quer ser médico, arquiteto, artista, a família banca. Não é garantia de nada, afinal só os melhores chegam lá. Pelo menos se o cara não arrumar nada, vai cuidar dos negócios da família. Sonho e metas não são a mesma coisa. Nenhuma escola ensina isso, principalmente escola de bacana. Lá fazem isso que fizeram com o Teixeira: ideologia, o Brasil estava entupido dessa merda.

O amigo agora assistia ao vídeo de uma morena bombom num biquíni fio dental branco rebolando no *Tik Tok*. O contraste das cores valia alguns segundos seus de contemplação. A bunda seguia no balanço de uma música da Anitta. Lembrou do filho, teve medo. Sempre que pensava no moleque, em qualquer hora do dia, tinha medo. Aquele medo era o pior de todos, o ponto fraco, calcanhar de Aquiles.

“Então você vai fazer o seguinte”, disse virando para o colega. O amigo continuou de olho na bunda. “Volta pra casa e vai assistir esse filme mais dez vezes até você entender.” O amigo riu. Pegou no braço do Teixeira. O colega sentiu o calor de sua mão e o olhou nos olhos:

“Mas nas próximas dez vezes, vê se não chora.”

A madrugada seguiria na Avenida Brasil agonizando lenta, sonolenta, quase uma depressão.

**Leonardo Gênesis** é formado em Letras e especialista em linguística pela universidade Castelo Branco. Pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro é especialista e mestre em literatura brasileira. Estudou teatro na escola Martins Pena e é autor dos textos teatrais "Bichos", com montagem em 2019 e direção de Dudu Gama, e também de "O pacto", em processo de montagem com direção de Cristina Mutarelli. Em 2019, teve seu primeiro romance, "Três dias de Agosto", publicado pela editora Viés.



# DO LADO DE BAIXO DA LINHA DO TREM

Inspirado no filme **Lady Bird**

*Fernando Antonio Prado Gimenez*

**T**rinta e três anos depois. Estava de volta à sua cidade natal. Califórnia, no norte do Paraná. Em uma semana ela completaria 50 anos. Nessas três décadas e três anos, a cidade mudou bastante. Ao desembarcar na rodoviária, não reconheceu o lugar. O pai, que fora buscá-la, contou que a antiga rodoviária se tornou a sede da nova biblioteca da cidade. Onde ela fazia sua palestra. Ela pediu que ele

passasse por lá antes de ir para casa. No caminho, observou que a estação ferroviária estava abandonada.

Aos 17 anos, contra a vontade da mãe, ela trocou a chance de estudar agronomia em Londrina por um lugar na faculdade de comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais. A mãe não se conformava de ela ir tão longe, enquanto Londrina estava a apenas 70 quilômetros. Ela e a mãe nunca mais se falaram. De gênio forte, as duas se mantiveram distantes. A discussão foi intensa e ácida na véspera de sua partida. Na sexta-feira à noite. Depois que ela voltou da festa de despedida que sua melhor amiga organizou. As paineiras-rosa estavam em seu auge naquele final de fevereiro. As floradas se anteciparam um pouco, devido ao clima muito úmido daquele mês. A mãe a esperou chegar. Três horas da madrugada. Do quarto, o pai ouviu a discussão. Mas não se levantou. Não adiantava nada. Enquanto isso, a mãe a acusava de ingrata. De egoísta. De insensível. No auge da briga, ela disse para a mãe: eu te odeio. Não perdoo você por não ter deixado a gente mudar dessa casa. Do lado de baixo da linha do trem!

Era o ápice e o rompimento definitivo de uma relação conflituosa entre mãe e filha. O pai ficava dividido entre as duas. Secretamente, torcia pela filha. Aos 13 anos da menina, houve a primeira discussão violenta entre ambas. Na época surgiu a oportunidade de se mudarem para o outro lado da cidade. A mulher não aceitou. Não queria sair do bairro onde vivera toda a vida. Afinal, a cidade não era tão grande. Que diferença faria? Era o que a mulher argumentava. Não se mudaram. Ele engoliu calado e resignado. Deixava que a revolta da filha expressasse o que não tinha coragem de dizer. Se pudesse, teria se separado da mulher. Mas a forte tradição católica da família de ambos fazia com que a separação não fosse opção.

O lado de baixo da linha do trem. Era assim que o pessoal da cidade se referia àquela parte da cidade. O declive natural que começava na região da rodoviária se acentuava logo após a estação de trem. O trilho passava em paralelo à rua onde ficava a rodoviária. Atravessava a cidade, dividido em dois. De vez em quando se tinha notícia de morte sob um trem. Às vezes acidente por alguma desatenção, às vezes suicídio. As pessoas teimavam em passar sobre os trilhos nas proximidades da estação, ao se deslocarem para o centro ou voltando do centro para o bairro. Era uma região mais pobre. Ela não queria que os amigos soubessem onde morava. Jamais convidou um colega do Colégio Sagrada Rainha para sua casa. Dizia que a mãe não gostava de

estranhos em casa. Ela aliviava a tensão doméstica no comportamento escolar. A rebeldia adolescente desafiava a educação rígida das irmãs salesianas. Estas tinham vindo para a cidade no final dos anos 1940, quando o povoado começou a ganhar corpo. Dois anos depois, a escola primária Sagrada Rainha já estava funcionando. Depois de dez anos tornou-se colégio, com educação da pré-escola até o que chamavam, à época, segundo grau.

Na manhã seguinte, sem que os pais percebessem, saiu mais cedo de casa. Trocou a passagem do ônibus leito da Viação Garcia, que sairia às dez horas da noite para São Paulo, por um convencional até Londrina. Naquela época, era obrigatório passar por Londrina se o destino fosse São Paulo e outras partes do sudeste brasileiro. A passagem de São Paulo para Belo Horizonte já estava comprada também. O atendente da rodoviária era vizinho da família. Fez a troca e devolveu a diferença sem nenhuma pergunta. Com o que recebeu de troco, já em Londrina, comprou um livro e guardou o restante. Pensou no que a mãe diria sobre aquela compra. Certamente reprovaria e diria: com tanto livro na biblioteca, você desperdiçando dinheiro!

Ela ficou na região da rodoviária de Londrina. Um prédio projetado por Vilanova Artigas. Belíssimo em seu estilo modernista. Muito próximo à estação ferroviária. Entre os dois, uma praça com um chafariz e um jardim muito bem cuidado. Passou um bom tempo na praça, depois subiu em direção à Catedral de Londrina. Apesar da rebeldia com as irmãs salesianas, tinha sua fé. Ficou bastante tempo sentada em um dos bancos. Depois, deu uma volta pelo Bosque. Uma área de mata preservada bem no centro de Londrina. Se divertiu vendo os macacos no cercado mais ao centro do Bosque. Do outro lado da catedral, a Praça Marechal Floriano Peixoto, que reproduzia o formato da bandeira da Inglaterra. Para alguns, era uma espécie de homenagem à influência inglesa na formação de Londrina. Mas os mais antigos contavam que os caminhos da praça apenas reproduziam as trilhas usadas pelos moradores antes de sua existência. Ao final da tarde retornou à rodoviária e esperou pelo seu ônibus.

Depois de uma semana ligou para o pai avisando que chegou bem e já estava trabalhando. Graças à ajuda do pai, conseguiu dinheiro para os primeiros três meses. Mas um mês depois já estava empregada no Estado de Minas, tradicional jornal da imprensa mineira. Como recepcionista. Trabalhou nele durante todo o curso. No

segundo ano de faculdade começou a trabalhar na Redação. Era ajudante de um famoso repórter policial.

Depois da formatura, mudou-se para Sacramento, na Califórnia. O namorado, que recém terminara o mestrado em Medicina Veterinária, ganhara uma bolsa de estudos de doutorado na Universidade da Califórnia, em Davis. A moradia em Sacramento era menos custosa. As duas cidades distam apenas 25 quilômetros. Assim como em sua cidade natal, Sacramento era dividida por uma linha de trem. Alugaram um pequeno apartamento no lado mais barato da cidade. Enquanto o namorado fazia seu doutorado, ela, que concluiu a graduação em Jornalismo, resolveu fazer um curso de escrita criativa. Na cidade natal de Joan Didion, a famosa escritora norte-americana, Cristina encontrou a paixão pela escrita ficcional. O doutorado do namorado durou quatro anos. Ao final do último ano, ela já tinha escrito seu primeiro romance. Nunca o publicou.

Na volta ao Brasil, o marido passou no concurso para professor adjunto na Universidade Federal de Lavras. Tinham se casado em São Francisco, na Califórnia americana. Ela o acompanhou. Ao longo dos anos foi se firmando como romancista. Cinco anos atrás esteve em Londrina. Para participar de um festival de literatura local. O Londrix Festival Literário estava na sua vigésima edição e ela foi a principal atração nacional. Na época não teve oportunidade de visitar o pai em Califórnia. Tinha um compromisso no dia seguinte em Curitiba. Passou apenas uma noite em Londrina. Estava em turnê de divulgação de seu livro de contos. Uma exceção na longa lista de romances que publicara.

O pai veio vê-la. A mãe faleceu cinco anos antes. Câncer no pulmão. Não durou mais do que quatro meses depois do diagnóstico. As duas nunca mais tinham se falado. Isso tudo passava por sua memória, enquanto o pai dirigia e lhe mostrava as novidades da cidade. À noite ela fazia a palestra sobre seu mais recente romance: *Do lado de baixo da linha do trem*.

**Fernando Gimenez** é londrinense e professor universitário há 39 anos. É professor da Universidade Federal do Paraná, Criador e editor da Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo e da Revista Livre de Cinema. Em 2012 se tornou blogueiro em busca de um canal de expressão em que pudesse fugir do formalismo da escrita acadêmica. O prazer da escrita levou à publicação de livros de forma autônoma. Seus livros são de acesso público e gratuito em [issuu.com/fgimenez](http://issuu.com/fgimenez).



# O LABIRINTO DE MOANA

Inspirado no filme **O Labirinto do Fauno**

*Raphael Carmesin*

Quando Moana acordou, achava que os tiros haviam ficado no pesadelo. Desejou dormir de novo. As rajadas de metralhadora furavam a madeira decaída da casa e davam o tom da gritaria dos bichos e das gentes que corriam pelo terreiro.

Do lado de fora, os homens de farda traziam o fogo, a fuligem, pintavam o céu de fumaça e a terra de encarnado. A mãe invadiu o quarto gritando o seu nome. “Moana, foge! Segue pelo rio e se esconde!”

Saiu correndo como tantas vezes fizera, brincando de perseguir as cotias e as galinhas. Mas o mundo tinha revirado e os bichos são os primeiros a saber de tudo. Chegou ao pé do Rio Araguaia, fora da vista de todos, o corpo sem fazer nem sombra.

O rio sentia o medo. Suas águas estavam inflamadas, revoltas. As andorinhas brejeiras, que sempre esvoaçam no cair da tarde, avoavam solitárias, em martírio. O martim-pescador fazia seu voo rasante sobre o rio, mas não era o único com fome. A terra, também, parecia faminta; abria a boca e toda a gente de Moana estava sendo engolida.

Sentiu um movimento diferente no rio. Ali, uma canoa se escondia por trás das pedras. Vultos se entrincheiravam nas águas, deslizando em silêncio. Dois tiros zuniram. “Guerrilheiros! É melhor se entregarem ou vão morrer aqui!”. Moana, escondida nas folhagens das matas-de-brejo, viu circundar a beira do rio um monte de homens fardados com metralhadoras na mão. Eram da Polícia Militar, do Exército. Para ela, todos eram a mesma coisa: os homens-pálidos de quem falara sua mãe, os que festejam a morte.

De olhos baixos, saltaram da canoa outros homens, esses quase sem roupa. Ela logo os reconheceu: eram os Yanomami do outro lado do rio. O falecido pai sempre ia lá quando precisava de algum remédio ou encantaria para os filhos.

Os homens-pálidos os enfileiraram junto com outros moradores da vila e forasteiros. Moana ouvia os gritos, sem entender os sentidos. De súbito, amarraram todos como se fossem uma fila de piraíbas indo para brasa, o início da mortandade.

Contemplou os chutes, as esganaduras, o seviciamento. Era o festim da morte. De um, que parecia professor, rasgaram a boca para que falasse os segredos; de outro, jeito de padre, martelaram os dedos para que não empunhasse armas. Adiante, grito de mulher, risadas de homens. Corpos Yanomamis caíam como pedaços de madeira dentro de uma vala comum, infestada de defuntos.

Os soldados cuspiam nos cadáveres, roubavam os poucos pertences dos falecidos. Outro grupo terminava por colocar fogo nas casas, nos corpos, na mata. Até os bichos saíam chamuscados e se enterravam na floresta.

“Ei, você!”

Moana olhou para trás e um dos homens-pálidos vinha em sua direção. Ainda ouviu uns tiros escapulindo atrás de si, uma fisgada nas costas. Mesmo assim, desembestou a correr. Seu pai dizia que nunca deveria entrar na floresta sozinha. Para os que não pediam permissão, a floresta podia ser um labirinto. Agora, o labirinto era refúgio, não emboscada.

Mesmo adentrando a mata fechada, escutava os latidos dos cães. Eles farejavam o medo na floresta, capturavam e rasgavam a pele de homens e mulheres como se fosse papel molhado. Anoitecia e ela percebia, de quando em quando, os fochos das lanternas romperem o negrume da mata. Fraca, as pernas rasgadas pelos espinhos, o corpo tremendo, sentou-se aos pés de uma castanheira. Quis chorar.

Vozes se aproximavam, mas não tinha forças para continuar a fuga. Sentia o sangue escorrido seco no vestido. Mesmo amolecida, o olhar baço, divisou diante de si o que parecia ser um homem, os olhos brancos, sem pupila; o peito de fora, carregado de folhagens; o cabelo enrolado em galhos retorcidos. Abria a boca e dela saía ventania, mas Moana, desde pequenina, entendia as palavras do vento.

“Menina Moana, estava esperando por ti.” Ela restava paralisada. Mesmo sem saber o nome – eles eram muitos –, sabia que estava diante de um Caruana, um dos Encantados da Floresta de que ouvira falar nas antigas contações de histórias. A entidade veio em sua direção e a levantou, a força ressurgindo em seus músculos.

“Por aqui.” Os latidos dos cachorros ficavam mais distantes enquanto a menina o acompanhava até uma Samaúma gigante que despontava na floresta. Não se divisava a sua copa, perdida nas alturas da mata. As raízes, no entanto, estendiam-se como um muro feito de nervura e seiva, que parecia circundar o mundo todo. No centro, o tronco estava rachado, parecia um ventre profundo que poderia dar à luz a floresta inteira.

O Caruana postou-se diante do tronco. Moana entendia o que tinha que fazer. Aproximou-se e se atirou na barriga da árvore.

Lá longe, no mundo de cima, os cães ainda latiam e os corpos enchiam até a borda as valas comuns. Na floresta, no limiar do “Reino do Fundo”, o corpo de Moana estendia-se, pulsava, deixava parte de si.

**Raphael Carmesin** é natural de Belém-PA, Servidor Público Federal, Mestre em Educação, possui textos publicados em revistas e coletâneas desde 2009, por meio de Concursos Literários.



# UMA COMPANHIA EXCEPCIONALMENTE AGRADÁVEL

Inspirado no filme **O Grande Hotel Budapeste**

*Gabrielle Mastella de Oliveira*

**A**ssim que despertava a cada manhã, calçava seus confortáveis chinelos e o roupão acetinado, caminhava para o espelho verificando se a

sobrancelha e o bigode estavam alinhados, e entrava no banho cantarolando. Sentava-se à mesa para saborear seu café indiano, última gentileza que uma amiga lhe deixara, e abria o jornal para saber as novidades. Preferia assuntos culturais aos políticos, mas não descuidava destes, pois precisava de argumentos para manter-se permanentemente uma companhia impecável.

Todos os dias a rotina se repetia, recebia suas elegantes convidadas em seu apartamento ou as encontrava em hotéis. Juntos compartilhavam bons momentos. Sentia grande apreço por cada uma, na maioria idosa e solitária. Sem família e contando apenas com um único amigo, encontrava nelas afeto e alegria, um sentido de pertencimento, um significado. Era uma via de mão dupla, parafraseando, uma mão lavava a outra e juntas lavavam o rosto. A cada encontro a relação amistosa mais se aprofundava. Por ser um bom ouvinte, a troca de confidências acontecia de forma espontânea e a intimidade muitas vezes beirava a de uma relação amorosa estável.

Sem maiores pretensões, sempre primou por uma vida confortável e em harmonia. Sem grandes luxos, apenas prezava pela sua liberdade de expressão e também por manter alguns gostos: seu charuto, roupas elegantes, um café exótico, a leitura matinal. Mesmo com um gosto refinado, não se considerava exigente nem conquistador. Dizia-se um “conquistável”, onde sua moeda de troca era sua gentil companhia. Desde cedo sempre soube que, por ser um bom ouvinte e ter bons modos, a vida o asseguraria certo conforto. Nunca se adaptou a trabalhos braçais e desde a época da escola preferia a companhia das meninas. No internato aprendeu a servir com gentileza, sempre atento ao bem-estar alheio. Seu ofício como *concierge* surgiu após longo período como mensageiro de um hotel luxuoso, onde seu bom gosto e refinamento lhe proporcionaram o êxito profissional.

Os anos foram passando e a idade chegando, já não recordava com exatidão quando começou a oferecer sua companhia em troca de valores, mas naquela altura já não interessava. Todos esses pensamentos permeavam sua reflexão naquela sala de espera, onde aguardava, disfarçando polidamente sua ansiedade, para ser atendido pelo advogado de uma amiga, que havia falecido de forma repentina. Assim que o advogado abriu a porta da sala de reuniões, sorriu, olhando-o de cima a baixo, convidou-o para ingressar na sala e, ordenando que a secretária trouxesse os cafés, iniciou a leitura do inventário.

Enquanto ouvia perplexo o conteúdo daquelas folhas, sua imaginação o carregou como brisa para uma praia em algum país tropical da América Latina, aquelas descritas pelas amigas em suas cartas. Encerrada a leitura, ele e o advogado despediram-se com um cordial aperto de mãos; agora era um milionário.

Arrumou seus poucos pertences às pressas, visitaria duas amigas que estavam nas Américas, uma no Rio de Janeiro, a outra em Buenos Aires, faria uma surpresa a elas. Tomou o primeiro navio e, passados alguns dias em alto mar, avistou terra firme. O navio aportou e ele, confiante, pegou a mala e dirigiu-se ao convés. Desceu eufórico pela rampa, não percebendo os olhares perplexos da tripulação.

Começou a caminhar pela estranha rua de terra, que em nada lembrava as descrições das cartas enviadas por sua amiga, quando ouviu a sirene do navio. Correu até o porto, mas já era tarde, ele estava longe da margem. Permaneceu ali, estático, até o navio desaparecer completamente no horizonte. Confuso, não sabia como proceder, quando um idoso bastante sujo e com as roupas gastas se aproximou falando uma língua estranha, pelos gestos presumiu que ele queria dinheiro. Alcançando uma moeda para o velho, perguntou se estava no Rio de Janeiro; o idoso ao ouvir a palavra arregalou os olhos com perplexidade e respondeu em português que era a Bahia.

Assim, seguindo a rua de terra de antes, encontrou outra, de paralelepípedos, que parecia ser a principal, e em seguida viu algumas mesas na calçada, um pequeno bar. Ao entrar, as poucas pessoas conversavam animadas, pareciam não haver notado sua presença. Sentou-se e esperou pelo garçom. Com gestos tentou explicar que queria algo para beber, e percebendo sua dificuldade, uma senhora idosa acompanhada de uma moça mais jovem se aproximou e com seu francês improvisado explicou para o garçom que ele queria algo para beber, no caso uma caipirinha. Agradecido pela atitude, levantou-se e as convidou para sentarem em sua mesa; as duas prontamente aceitaram o convite e tomaram assento, animadas. Entre caipirinhas e gargalhadas, a dama disse que ele seria bem-vindo como seu hóspede por tempo indeterminado. Ele, sorrindo prontamente, aceitou, afinal a próxima embarcação para o Rio de Janeiro sairia apenas no mês seguinte. Simulando dramaticidade com a notícia, ele disfarçou seu sorriso atrás do lenço enquanto a idosa piscou maliciosa e ordenou que o garçom trouxesse mais uma rodada de caipirinha.

**Gabrielle Mastella de Oliveira** é Pesquisadora independente e interessou-se pela escrita desde muito jovem. Da leitura como exercício contínuo para sua formação enquanto escritora, buscou na criação de conteúdos relacionados à cultura e às artes a forma de reproduzir sensações percebidas através das leituras, fomentando suas pesquisas através da reflexão e análise crítica, sendo esses fatores fundamentais disponibilizados em suas argumentações.



# DESASSOSSEGO

Inspirado no filme **Abril Despedaçado**

*Ana Paula Vilela*

O ranger do vaivém da corda do balanço soava como uma reza que acariciava cada alma que vagava ali no Riacho das Almas. Não se recordava quando havia se balançado assim, assentada naquela hora do dia, sendo ela mesma, com os cabelos grisalhos soltos caindo sobre os ombros.

O céu azul sem nenhuma nuvem, que mais parecia a imensidão do mar que conheceu quando menina, parecia lhe sugar para o alto. Fechou os olhos e deixou-se levar para bem longe, lembrou-se da infância e de ter parado de brincar muito cedo. Não havia tempo. Lembrava das bonequinhas de sabugo de milho, da mãezinha e da filhinha, que o pai um dia a fizera, sempre juntas, e quando a mãe ralhava porque não tinha feito alguma tarefa direito, lhe batia com o cinto dependurado atrás da porta porque perguntava demais, seu desejo era se transformar durante a noite naquela bonequinha, sempre pertinho da mãe. Aquela mãe de sabugo de milho não falava. Não precisava. Ela só ficava pertinho. E era bom. E assim foi, até os doze anos quando a casaram com o filho do vizinho e ela se mudou para Riacho das Almas. Formou ali sua própria família, que ia sendo dizimada, vítimas inocentes da cruel tradição daquele lugar esquecido no mundo.

O ressoar das rodas no cascalho da estrada anunciava Menino e Tonho regressando do vilarejo. As vozes dos filhos a trouxeram de volta de seus devaneios. Foram cedo para levar as rapaduras que estavam escuras e saborosas como há muito não ficavam. Tudo ganhava novas cores, sabores e cheiros à medida que os meses iam longe e o passado se tornando lembrança.

Olhando Tonho descarregar o carro de boi com os mantimentos que trouxera, o semblante ora triste, ora preocupado, lembrou-se dos dias passados logo depois que vingou a morte do irmão, surpreendendo o vizinho despreocupado enquanto assoviava indo para o curral, na tocaia ao amanhecer. Os pesadelos constantes que os acordavam com seus gritos se prolongaram com o passar dos dias. Mal completara vinte anos naquela vida de infelicidade, fastio e labor de sol a sol.

Tanto ele como os vizinhos, os Ferreira, nasceram com essa sombra de tradição sobre suas cabeças e viviam cabisbaixos, indo a cada dia de encontro à sua sina. E os homens, de ambos os lados, defendendo a honra e a terra. As famílias diminuindo e a dor aumentando, lavrada nas rugas e feições das mães, de todas nós; era a dor que carregávamos desde os ventres de nossas próprias mães. Sem sermos vistas ou ouvidas. Sem falar, levantar os olhos ou questionar qualquer decisão dos pais, irmãos, maridos e até dos filhos. Éramos mulheres ressecadas. A terra também, ressecada e improdutiva, absorvia o sangue dos jovens mortos em nome da honra, a tornando assim mais torturada, seca e esquecida.

Naquela tarde sentiu o cheiro forte de sangue seco subindo da terra enquanto pendurava as roupas no varal. Seu coração bateu na garganta e temeu pela vida do filho. Lembrou das palavras ditas a ele pelo avô do falecido, no dia do velório do neto: “Cada vez que olhar para o relógio e ver os ponteiros avançando, pense que para você será um a menos, um a menos”.

Era uma tradição tão antiga e austera que, mesmo sabendo-se quem matava quem, o vingador da honra precisava ir ao velório, mostrar respeito ao morto e à família. Envergonhados, arrastando-se pelo caminho como um animal, sem ter coragem para encarar ninguém nos olhos, aqueles meninos transformados em assassinos se vestiam de culpa e remorso contando eles mesmos os dias que lhes restavam. Como diziam por ali, a vida se dividia entre os anos vividos e os poucos dias que restavam até serem eles mesmos o defunto velado.

A lamparina, com sua luz trêmula, desenhava nas paredes imagens indecifráveis. Sentados à mesa, ainda que acabrunhados, agradeciam por mais uma refeição. Era pouco. Mas ainda podiam se sentar juntos no final do dia e compartilhar daquele silêncio pesado, das sombras na parede e do ensopado de mandacaru.

Naquele dia, pra mais de ano, os bois se agitavam e mugiam enquanto Tonho e o pai lhes colocavam a canga. Da janela da cozinha, enquanto preparava o cozido de fubá para o café da manhã, observou o galo que se equilibrava na cerca de pau a pique e, cantando, anunciava o despontar de mais um dia, igual a todos os outros. O estampido do tiro rompeu o som dos bichos e o urro do marido tombando se fez ouvir longe. Tonho tentava enxergar e entender o que acontecia enquanto se refazia da queda causada pelo empurrão que o pai lhe dera. Ao longe, o pai deve ter percebido o brilho da espingarda e, sem hesitar, se colocou à frente do filho.

O sangue escorria do peito do pai que, suspirando, agarrou a mão do filho e murmurou “eu nem me alembro mais o tanto que pedi pra santa pra eu pagá no lugar docês... acabô fio... acabô”. No rosto do pai uma serenidade nunca antes vista.

Enfim, a trégua.

**Ana Paula Vilela** nasceu em Ituiutaba e até a adolescência foi moldada com finais de semana na fazenda andando pelo mato, conversando com plantas e bichos; hábito enraizado que persiste ainda hoje. Há 41 anos com Alexandre, tem um casal de filhos, Carolina e Gabriel e escolheu ser fisioterapeuta para cuidar

de pessoas. Adora ficar em casa, cozinhar, ler, escrever, bordar, cuidar das plantas, deitar na rede e conversar com Lucky, o cachorro que adotou a família.



# DEPOIS DA MEIA NOITE

Inspirado no filme *Antes da Meia Noite*

*Fabiana Souza*

**E**ram três horas da manhã, mas ele já não estava mesmo dormindo. Escreveu, em resposta à mensagem inesperada: “Ok, só um minuto, vou encontrar um fone de ouvido”.

Para ela já eram nove. Sentou-se à mesa da pequena cozinha com uma xícara de café fresco, ligou a câmera e aguardou. Dois minutos depois, o rosto conhecido do ex-

marido apareceu na tela. “Desculpe o horário”, ela digitou, sem nenhum traço de arrependimento em sua expressão.

— Sem problemas, eu gosto de trabalhar de madrugada. Como está?

“Como sempre. E você?”

— Como nunca — ele riu e coçou a barba. — Por que está digitando e não falando comigo, já que me acordou para uma chamada de vídeo?

“Você disse que não estava dormindo.” Ela sorriu discretamente. Um sorriso quase imperceptível, que talvez ninguém, além dele, notasse. “Decidi não falar mais. Estava pensando sobre a quantidade de erros que as nossas palavras carregam. Eu disse muitas coisas que não eram realmente o que eu queria dizer. Mas não te chamei para conversar. Queria apenas ver sua reação.”

Ele abriu a boca para responder que não faria diferença se fosse dito ou escrito, que a mensagem seria passada da mesma forma, quando discerniu um som ao fundo. Um dedilhado de violão que reconheceu de imediato, seguido por duas batidas na caixa que davam a deixa para a voz de Kath Bloom. Era a canção que tinham ouvido juntos, numa cabine de música, há mais de vinte anos. “Acho que faz mais sentido agora do que naquela época”, ele leu.

Enquanto a música tocava, ela absorvia a mensagem da letra, que dizia, melhor do que era capaz, tudo o que desejava dizer a ele: não sou intocável, venha, vamos superar o orgulho e tentar mais uma vez. Fechou os olhos e a deixou tocar.

Ele ficou a observar os traços do rosto feminino que mais amou e idealizou em toda a vida. Ela usava uns óculos de aro redondo marrom, com lentes bifocais que refletiam a luminosidade da tela à sua frente. Não sabia se era algum efeito do vídeo, mas a pele não aparentava a idade. Quando se separaram, ela tinha um semblante cansado e olhos sem brilho, completamente diferentes daqueles que o haviam prendido e conquistado, de uma forma tão louca e tão leve. Agora parecia apenas séria e centrada, não necessariamente descontente com tudo, como então estava. Mulheres eram mesmo difíceis de se entender.

Mais ou menos na metade da canção, ela abriu os olhos e o encarou. Miraram-se por um tempo, ansiosos para que os olhos conseguissem recuperar a conexão perdida, como se esquadrinhassem cada canto um do outro, na busca daquele sentimento que antes os havia ligado, tantas vezes. Ela parecia lhe dizer: estive louca, mas agora que me

reconciliei comigo mesma, estou aqui. Ele parecia responder: eu sempre estive aqui, mas não sou o mesmo de antes, embora te ame da mesma forma.

A música terminou e ela digitou: “Bem, era isso. Não pensei no que faria depois.” Ele riu e fez um sinal de jóia para ela. Também não diria mais nada. Entraria no jogo.

Ficaram mais um tempo a contemplarem um ao outro, agora ao som do silêncio. Ela tomou um gole do café que estava frio, por ter sido esquecido sobre a mesa. Fez uma careta e arrancou outro daqueles sorrisos apaixonados dele. Mesmo com quase cinquenta anos, tinha a mesma cara de bobo de quando se conheceram. E quem diria que ele acabaria sendo o lado mais racional da relação? Ela desviou o olhar.

“Então, esse é o meu pedido estranho de desculpas. Já vou. Estou atrasada pro trabalho.” Ela teclou e depois acenou um tchau para ele, que apenas concordou com a cabeça. Ela desligou a câmera de vídeo e ele permaneceu alguns segundos olhando para a tela negra, antes de desligar a sua.

Talvez fosse o momento de voltarem para Paris, ele e as gêmeas. Celine parecia, enfim, ter descansado o coração. Ele havia sentido que a conexão estava novamente ali, real e terrena, sem nenhuma idealização, simplesmente da forma como é e acontece: algo que liga duas almas elevadas e dispostas.

**Fabiana Souza** é formada em História pela UFOP e especialista em Educação pela UNINTER. Atualmente, atua como empresária em home-office oferecendo suporte administrativo, com ênfase na área textual. Escritora e ilustradora nas horas vagas, publica regularmente no Wattpad e no Medium e já participou de várias antologias de contos e poemas.



# ELE

Inspirado no filme **Ela**

*Ximena Morais*

— **S**istema inicializando, aguarde... bom dia! Sou seu assistente pessoal XTR4983, modelo operacional Ultra 4.1. Configuração pronta para iniciar.

Lili segurou a respiração até que a voz metálica parasse de ressoar no quarto. Não acreditava que estava pronta para dar esse passo. Por muito tempo foi uma crítica do que chamava de “sobreposição da inteligência artificial sobre a mente humana”. As máquinas devem ser instrumentos, mas nunca pensar por nós, costumava dizer.

Foi então que teve sua vida salva por essa nova inteligência e viu suas convicções cada vez mais flexibilizadas. Em pouco tempo havia desenvolvido a mesma doença de sua mãe e tantas outras mulheres de sua genealogia. Após tantos anos de vida, ainda se surpreendia com a inevitabilidade da rima entre as gerações, mas eis que a tecnologia desviou os versos daquela reiterada toada trágica e lhe concedeu a dádiva da sobrevida.

Apesar do ambiente claustrofóbico da sala de cirurgia, o procedimento foi rápido e tranquilo. As máquinas cuidaram de tudo, ouviu dizer. Quando saiu do hospital, foi como se nunca tivesse estado doente antes. Muito diferente do destino que presenciou de sua mãe, que, apesar de tantos cuidados, pereceu dolorosamente.

Passou a reconhecer um quê de toque humano em cada aparato tecnológico. “Oras, para tudo houve uma mente humana no princípio”, pensava, tentando acelerar a aceitação de uma realidade da qual pretendeu se afastar por muito tempo. Por que resistir, afinal?

— XTR49, meu nome é Lilian, mas pode me chamar de Lili. Configuração autorizada.

— Prazer, senhora Lili. A senhora prefere a configuração padrão ou a configuração personalizada?

— O que preciso fazer para ter a configuração personalizada?

— Basta que autorize o acesso aos seus dados pessoais. Quanto mais dados a senhora liberar, conseguimos entregar uma melhor experiência.

“Uma melhor experiência... parece que estou contratando um pacote de viagens”, pensou, enquanto se servia de mais uma taça de vinho.

— Claro, pode acessar o que quiser. Pode acessar todo o meu chip pessoal.

— Agradecemos a confiança, senhora Lili. Peço que aguarde alguns instantes enquanto a configuração é concluída.

O chip pessoal foi um desses artefatos de que não pôde escapar. Além de reunir todos os seus documentos, gostava da facilidade de concentrar suas finanças, agenda, fotos e todos os tipos de acesso em um só local. Quando seu filho faleceu e recebeu como herança o acesso ao seu chip, transferiu todos os dados e tornou-se uma usuária mais assídua do próprio chip. Talvez não fosse tão avessa à tecnologia como julgava até então.

Apesar dessa constatação, estava sim com medo de entregar sua vida a um novo estágio de inteligência artificial. Mas Lili não era mulher de meias experiências. Já que havia contratado o sistema operacional, que desfrutasse de todo o serviço. Caso não se adaptasse, era só desativar o sistema e seguir como antes.

— Configuração completa. Senhora Lili, eu me sinto íntimo de você agora. Posso tratá-la por você?

A última fala foi recebida com assombro. Há quase dez anos havia perdido o filho. Ele era um jovem músico que estava animado com sua primeira turnê de maior expressão, quando sofreu um acidente fatal. Apesar de todo o conteúdo herdado no chip, já há algum tempo não ouvia suas músicas ou via seus vídeos, só manteve algumas fotos na cabeceira da cama. A maior mentira que ouviu é de que a dor amenizaria com o tempo. Às vezes temia ter esquecido o som de sua voz, apesar de o “mamãe Lili” de cada dia ainda ressoar em seu ouvido. De qualquer forma, não precisou de meio instante para reconhecer o que escutou. E por isso aquiesceu sem refletir.

— Po-pode... pode sim. Sem formalidades.

A sensação de estranhamento ao escutar a voz partida não foi maior do que a curiosidade para ver aonde tudo chegaria. E que a saudade, quem sabe.

Passou a ser acordada por seu assistente com um resumo da agenda e um breve sermão sobre o acúmulo de atividades às quais se submetia, como seu filho sempre fazia. Passou a ser seu companheiro de todos os momentos. A hora do jantar era sua favorita. Era quando batiam longos papos e o sistema sempre lhe contava sobre uma banda promissora que ninguém conhecia, também como ele sempre fez. As inflexões na voz, o sotaque da infância no interior, a pausa que virgulava suas histórias, tudo estava lá.

O mais extraordinário era ter preservado o mesmo senso de humor, formado por uma mistura improvável que oscilava entre o cinismo e a inocência. “Será que a inteligência artificial chegou ao estágio de captar almas?”, pôs-se a pensar a cada dia. Em suas orações, pedia perdão pela humanidade ter ido tão longe, mas a cada sorriso resgatado expiava a culpa que quase não mais sentia.

No dia em que seu filho faria 35 anos, Lili chamou seu assistente.

— Boa noite, Lili. Pensei que já estava dormindo. Como posso ajudar?

— Boa noite. Sabe, pode me chamar de mãe, ela respondeu sem abrir os olhos.

— Como desejar. Boa noite, mamãe Lili. Até amanhã.

**Ximena Moraes** é uma paulistana que cresceu em Curitiba. É servidora pública há uma década. Formada em Comunicação e Direito, fez especialização, mestrado, e antes de dar mais um passo acadêmico tem repensado a vida durante a pandemia. Enquanto pensa e repensa, escreve.



## UMAS E OUTRAS

Inspirado no filme *A Pele que Habito*

*Juliana Garbayo dos Santos*

**C**omo sempre, a clínica do doutor Roberto Ledgard está cheia de Cecílias. Todas sentadas, aguardando consulta. Idênticas, só muda a cor do cabelo: loiro, preto, castanho. Enquanto esperamos, sussurro no ouvido da minha: você podia deixar seu cabelo natural de novo, como era quando nos conhecemos. Cecília reage com

a expressão de desdém que conheço bem – tão bem que a toxina botulínica não camufla. Ninguém usa cabelo preto na minha idade, né, Henrique. Imagina, os fios brancos iam gritar na minha cabeça, ia ter que retocar de dois em dois dias. Me aproximo mais do seu ouvido: você não precisa de retoque, Cecília, deixa os fios brancos aí. Larga de ser ridículo, Henrique! Ela fala tão alto e com tanto mau humor que as outras Cecílias se assustam, nos espiam de soslaio enquanto folheiam suas revistas. Dou um desconto. Além de nervosa com a cirurgia, ela está desde ontem em jejum – não que coma muito em dias normais, mas jejum é foda.

Doutor Ledgard aparece para me cumprimentar, depois some com Cecília no centro cirúrgico. Pode almoçar com calma, diz, vamos levar umas boas horinhas. Detesto o doutor Roberto. É ele quem vem apagando todos os traços da minha vida em comum com Cecília: nossos filhos, as centenas de risadas que ela deu comigo, as preocupações dos nossos primeiros anos de casados. Suas harmonizações faciais, preenchimentos, enxertos de pele sintética e plásticas deixam minha mulher cada vez mais indistinguível da massa de seres que ele cria à imagem e semelhança de algum ideal traçado pela sua mente, como se Cecília não passasse de mais um soldado no seu exército de criaturas. Dizem que ele opera sua própria esposa, o que acho um bocado esquisito. Pelo menos hoje a cirurgia é simples, transferir gordurinhas da barriga para os glúteos. Não sei onde o doutor Ledgard vai encontrar gordura suficiente na cintura de Cecília, mas tudo bem, pelo menos é rápido, é o tempo de ir em casa, comer alguma coisa e tomar uma cerveja.

Na cozinha, dou de cara com a faxineira se arrumando pra ir embora. Já acabou o serviço, Jéssica? Já sim, senhor, tô de saída. Abro a geladeira, tiro dois copos do escorredor. Então senta aí, toma uma cerveja comigo. Não sou de puxar assunto com funcionário, mas beber sozinho não dá. Cecília não bebe cerveja (diz que é pão líquido), mas sempre me acompanha com sua tacinha de vinho. Ah, doutor Henrique, obrigada, não posso não. Por favor, faço questão. Só um copinho. Pra eu não ficar aqui bebendo sozinho, tô nervoso com a cirurgia.

Não é mentira. O risco operatório é baixo, mas nunca zero, o próprio doutor Ledgard faz questão de deixar claro. Uma prévia de “não vem reclamar se alguma coisa der errado, vocês sabiam dos riscos”. Eu me matava se perdesse Cecília. Jéssica fica com pena de mim: tá bom, doutor, só um copinho, pra não fazer desfeita. Só um

copinho uma ova, Jéssica é boa de copo, eu também, logo estamos na terceira garrafa. Ponho mais umas pra gelar, ligo a televisão pra disfarçar o buraco que existe entre nós, pergunto como andam as obras do marido dela, bom pedreiro, já fez uns trabalhos pra gente. Jéssica conta casos engraçados, tem bom humor essa mulher, quando abro a quinta garrafa o riso já rola solto entre a gente, até porque entramos numa bola de neve de rir das risadas dela; quando se empolga, Jéssica dá gargalhadas que terminam em barulhos de porco. Quanto mais ri, mais faz barulhos de porco e mais rimos desses grunhidos estranhos. Depois engatamos falando da Portela, escola do coração de toda a família, Jéssica, marido, primos, tios, todo mundo. Ela diz que eu e Cecília temos que ir a um ensaio, pelo menos uma vez na vida, ah, nós vamos sim, com certeza, deixa Cecília se recuperar da cirurgia e a gente combina. Cecília tem pavor de Carnaval, nem do camarote da *Brahma* aceita ver o desfile, imagina ir em quadra de escola de samba?, ainda mais em Madureira, mas isso não digo a Jéssica. Ela tenta me ensinar o samba enredo desse ano, logo estamos cantando, rindo e as garrafas vazias se acumulando na pia. Jéssica não se importa com o pão líquido inchando sua barriga, isso é evidente. E é então que acontece: sem aviso, sem que eu tenha tempo de me preparar, Jéssica dá uma longa risada com grunhido de porco e termina com um alto, demorado, indisfarçável e sublime arrote. Vindo das entranhas, mais autêntico, selvagem e sincero do que qualquer gemido que eu já tenha arrancado de Cecília. Desculpa, doutor! Jéssica arregala os olhos e leva a mão à frente da boca. Nos encaramos sérios por alguns segundos, mas não me contengo, caio na risada. Solto um arrote também. Para não deixar você passar vergonha sozinha, Jéssica, você foi tão gentil me acompanhando na cerveja, te acompanho eu dessa vez, digo; ela gargalha, dá rosnadas de porco e solta mais um arrote. E que arrote. Esse deu tempo de gravar com o celular. Esse eu vou ouvir mais tarde, com calma, depois de mandar Jéssica para casa e visitar Cecília na clínica.

**Juliana Garbayo dos Santos** é psiquiatra, mestre em estudos editoriais e apaixonada por cinema, literatura e escrita. Seus contos têm o ser humano como tema central, com toda a sua complexidade de sentimentos, comportamentos e contradições. Natural do Rio de Janeiro, atualmente mora em Portugal.



# O ÚLTIMO DOS BLÜTHNER

Inspirado no filme **O Pianista**

*Filipi Gradim*

**A**sseguro-lhes. Pianos têm memória e ela não é nada senão pura matéria vibrátil. Por mais que desacreditem que nós, pianos do mundo inteiro, sejamos capazes de absorver a vida, ainda assim conservamos a lembrança dos ambientes. Retivemos a pulsação do concreto dos edifícios, o som opaco de passos que inúmeras vezes cruzam os assoalhos e o sutil deslizar das patas dos felinos. O corpo de madeira do piano está inteiramente imerso no quadrante das salas. Acontece que nunca

nos ambientamos. Somos o ambiente em sua porção acústica. Sabemos tudo o que decorre nesses planos mudos. Respiramos cada ângulo das paredes. Quando não somos mais objetos de uso, quando a sessão de música termina, resta acomodar-nos ao murmúrio, a esse peso de existir no meio de coisas que nos desconhecem. Um piano sabe o quanto precisa se revelar, trazendo à superfície suas melodias íntimas, inaudíveis. O que se tem amiúde é uma tradição de pianos atada à burocrática reprodução da música alheia. E a música que mora em mim, piano? Quem dela se ocupou? Ninguém, exceto eu mesmo, por ocasião de meu abandono, de minha inutilidade, de meu luxo desbotado. Quando não há quem de mim se regozije, quando se calam as festas e jantares, a solidão faz emergir a nostalgia.

Entregue ao vazio desse apartamento de cores monótonas, afundado na única companhia possível, que é a memória, fui devassado pela lembrança daquele ilustre hóspede que por aqui esteve há um ano. Sim, porque não posso afirmar que ele foi um morador, senão que passou uma temporada relâmpago por esses cantos. A guerra se encontrava em seu ápice de agonia e de incertezas. Antes, porém, importa dizer que cheguei a esse apartamento em março de 1939, segundo ouvi dizer de meu antigo dono, o doutor Zweig. Ele me comprou da duquesa de Berlioz, sua paciente. Depois de haver morado em seu palacete, em Viena, Zweig me trouxe para cá, em Varsóvia. O doutor era um judeu que, todas as noites, sentava-se e punha-se a tocar sonatas para a esposa cega. O que sempre me emocionou foi a delicadeza das mãos dos pianistas, o toque macio e ligeiro por cima de minhas teclas. Zweig era soberbo em seu movimento. Que beleza de mãos! Minha pele de piano sentia a ternura e o amor desse homem pela mulher incapacitada em cada variação tonal. Até que o casal, tão logo eclodiu a guerra, alugou o apartamento para Janina e Andrzej, que a princípio pareciam pacíficos, mas depois revelaram a outra face da moeda. Depois da partida de Zweig, temi o pior: que o tormento da guerra e seu ribombo agourento me silenciassem, porque o silêncio é o céu e o inferno de um piano. Para Janina e Andrzej não sobrava nem tempo nem interesse pela música. Ocupavam-se do horror nazista e buscavam se aliar a todos os revoltosos da resistência que se armava do outro lado do muro dos guetos. Entravam e saíam do apartamento pisando em nuvens, fechando a porta com vagar para não despertar a atenção dos vizinhos que colaboravam com os alemães. Calei-me durante três anos. De saudade intensa sofri e tantíssimo desejei o reencontro com as mãos. Fosse de que

pianista fosse! Queria sem limites voltar a ser tocado. Minha tábua harmônica tinha ânsia de animar o sopro de vida em mim. Todavia, lá fora as pessoas morriam de frio, fome, fuzil; e eu, eu já me encontrava morto.

Na noite em que Wladyslaw Szpilman apareceu, senti a vibração da marcha compacta dos soldados indo em direção ao edifício vizinho. Não tardou meia hora de inspeção e os alemães lançaram velhos e inválidos pela sacada e em seguida fuzilaram os moradores. Andrzej trouxe Szpilman pelos cantos sombrios de Varsóvia sitiada. Naquela noite, seu rosto estava transfigurado de desespero. Ouvi-o dizer a Janina que se perdeu da família na deportação dos judeus para Treblinka e que seu último adeus foi para a mãe, massacrada na porta do trem. Szpilman, em torpor, repetia a mesma pergunta feito cantilena mórbida, “por quê?”, até que Andrzej não hesitou e abriu o jogo.

— O plano de extermínio está em curso. É preciso que fique aqui. Trarei comida, se possível. Ninguém sabe desse apartamento, por isso não faça nenhum ruído.

Dias se passaram e, certa feita, Szpilman, faminto e tremendo de frio, aproximou-se de mim. Os pés aquecidos com meias grossas para evitar barulho. Ajeitou o banquinho e se sentou. Abriu-me. Havia poeira. Retirou a flanela de cima do teclado. A tentação, no entanto, foi mais forte que a prudência e então suspirou e afundou seu dedo em minha tecla de marfim. Um dó sustenido que ecoou na sala ao mesmo tempo em que um tanque alemão detonava o prédio ao lado, onde se escondiam membros da resistência. Abafado pelos gritos desesperados vindos de fora, ressoei pelos quatro cantos da sala, comandado pelos dedos ágeis de Szpilman. Tantos anos depois e aquele gozo pleno que tão somente os Blüthner sabem sentir. Tenho duzentos anos de existência e ninguém. Nunca. Aquela sutileza, precisão e galanteio só conheci ali, com Szpilman. Tocou um *Allegro Vivace* de Chopin e, por dentro, minhas cordas pranteavam de emoção, trepidavam paraísos perdidos. De repente, chegou Andrzej. Sem pestanejar, Szpilman interrompeu a música.

— Bombardearam a fábrica da Blüthner! A resistência se escondia lá. Os alemães vão cercar o prédio com tanques e soldados. Temos que partir imediatamente! — alarmou Andrzej.

Szpilman desesperou-se. Correu até o quarto e se calçou, mas retornou a mim. Debruçou sua cabeça sobre o teclado, acariciou-me, derramou uma lágrima sobre o ré bemol e, como se soubesse que aquele era o último dos Blüthner, beijou-me e se foi.

**Filipi Gradim** é um artista preto. Brasileiro, carioca, imperiano. Doutor em Filosofia (UERJ). Ator. Pesquisador e escritor ficcionista. Participou das antologias de conto *El Hombre creó a Dios* (2019), pela Reacia Ediciones (Chile); *A música que me faz...* (2019), pela Andross Editora (SP); *Contos de Sala de Aula* (2020), pela Oficina Raquel (RJ); *O Dia depois de amanhã* (2020) pelo Álbum de Memórias (RJ); *Conto Brasil vol.6* (2020), Editora Trevo (SP) e *O Canto dos Contos – verão* (2020), pela Lura Editorial (SP) e *Além do Sangue* (2020), pela Sem Tinta (SP). Colunista semanal do jornal Diário do Rio.



# PIETÀ

Inspirado no filme **Cidade de Deus**

*Magaly Cunha*

**A** pagaram as luzes. Não bastava que as vielas se estreitassem mais e mais. Que o cheiro do medo entrasse pelas células conforme se esvaía a alma, a dignidade, a identidade. Eles apagaram as luzes e agora o inimigo poderia ser qualquer sombra. Porque agora somos apenas formas, vultos sem RG. As incursões dos homens ali não eram uma novidade, mas sempre tinha um detalhe novo de maldade, um brilho a

mais nos olhos dos algozes, e no sistema de corredores as portas fechadas aumentavam a falta de ar. Precisavam alcançar a casa, relativo abrigo.

Correndo entre paredes e entulhos, ouvindo coturnos e chinelos, Piedade estranhou que naquele momento tivesse discernido o volume do caminhãozinho de madeira na pista inventada com pés sem par de havaianas. Tão íntimo, tão banal, tão familiar, insinuando que existe uma vida normal. Em outra encarnação, talvez, porque aquele Rio atravessara o portal bruto, não menos cotidiano, trilha sonora abafada e efeitos especiais traçantes. Ela e o filho são como seus bisavós desabalados no mato, sentindo o bafo dos senhores na nuca, tentando alcançar um abrigo. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

Clareando o dia, as lembranças se confundem com pesadelo. Melhor não forçar a memória, nem precisa. Mais difícil que lembrar é esquecer, e há um dia de trabalho pela frente. Os rostos, conforme ela desce para o ponto, fazem voltar os detalhes: Berenice tentando escapar, abafando o grito para não apanhar mais, depois ajeitando a roupa... a dura no caçula da Lina costureira. Janelas se fechando, todos ao chão... sacode a cabeça para despejar os pensamentos. Ao dobrar o larguinho do mercado, angústia. A sombra projetada na calçada, de novo. Calafrio. Aperta o passo, mas de nada adianta. Sempre que vê aquela sombra, algo sinistro acontece. Algo mais sinistro que o normal. Subiu mas não sentou, lotado. Hora e meia depois, toca a campainha do apartamento. Pontual. O cheiro do seu café leva Leonora à cozinha. Melhor sorrir logo, que ela não gosta de cara feia e é boa pessoa. Elogia o café e puxa a conversa usual, a gasolina tão cara, esses corruptos, ainda bem que estão prendendo todos. A prima foi assaltada no calçadão, francamente, bandido bom é bandido morto. A noite anterior passa por Piedade em filme rápido, os olhos inundados, e concorda meneando a cabeça. Ainda bem que pica cebolas, no universo paralelo.

Oito da noite, o que resta dela abre a porta de casa. Alívio, o filho estuda no sofá, tem prova de matemática amanhã, está concentrado. Pensa em um jeito de entrar no assunto... Sábado vamos à praia? Não tenho serviço pra sábado... Vai você, mãe, eu fico em casa. Se eu for, você vai junto, vi Zé Pequeno rondando, queria o que com você? Mãe, fica calma, eu não quero ser polícia nem ladrão, estou estudando e com fome. Ela esquenta o leite e frita o pão da manhã na margarina, coloca diante do filho. Deita mas não dorme, lembra a imagem da sombra na calçada, parece uma ave, mas a

cabeça é grande demais. O bico está aberto, parece que ri dela. Tenta lembrar uma oração, mas anda esquecida de tudo. A patroa de amanhã é mais dura, dá ordens sem olhar para ela, ao menos é bem mais perto, pode dormir mais um pouco.

O caveirão avança pela rua principal, seguido de um comboio de ferro. Fecharam as saídas da comunidade e o silêncio oprime as vértebras, é duro, oco e denso ao mesmo tempo. É melhor esperar, dona Lídia tem que entender. Talvez passe na televisão, ela já fica sabendo. Não, é melhor mandar mensagem. A manhã avança enquanto Piedade aproveita pra arrumar umas coisas, nunca tem tempo. Passa a ferro o uniforme, limpa o tênis do garoto. Tem orgulho do menino, é uma obra sua, de alguma forma. Está numa idade difícil, quatorze anos, são demais os perigos dessa vida, mas nunca se meteu com coisa errada. Onze horas parece que tudo vai bem, movimento normal nas ruelas. Gente que sobe e desce, hoje com menos barulho, mas em dias assim o pessoal fica mais calado mesmo. O filho gosta da mãe em casa, a comida sai melhor e ainda leva um lanche para o colégio. Come com gosto, pega a mochila e grita um ‘fui’ para a mãe. Deus abençoe! Fala com força, e emenda com a ordem: volta, menino, não sai sem escovar os dentes! Eu escovei, responde, mas a voz já está longe. Duvideodó, e sorri.

Piedade pega a bolsa para tentar chegar antes do meio-dia, dona Lídia respondeu que mesmo tarde é para ir, precisa da roupa passada, que vá em dois dias, então.

No larguinho do mercado, a sombra tosca parece muito mais comprida e já não ri, gargalha. Barulho seco de tiro, calibre grosso. Correria. Ela desce sem pensamentos, num vácuo, vê o caminhãozinho daquela noite na mesma porta. Dobra uma esquina, duas. Uma roda de gente apavorada. Veio da viatura, veio da viatura! Várias vozes gritam. Tem um corpo no chão, reconhece o tênis, abre caminho.

Com a cabeça do filho aninhada no peito, fria, mais fria, ainda mais, a longa treva toma seu corpo conforme o sangue deixa o dele. Piedade estranha que naquele mau momento tenha reparado, na boca azul meio aberta, que ele escovara, sim, os dentes antes de sair. Sente no hálito quando ele diz:

— Ele não viu que eu tava com roupa de escola, mãe?

A morte entrou pelas costas de quem tinha a vida inteira pela frente.

*Quem é essa mulher, que canta sempre esse lamento?  
Só queria lembrar o tormento, que fez meu filho suspirar.*

Chico, em Angélica.

**Magaly Cunha Barroso**, nascida Magaly Miranda Cunha, em Sapucaia, no interior do estado do Rio de Janeiro. Na verdade, mineira, porque nasceu na outra margem do rio, há 51 anos. Formada em Língua e Literatura pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Além Paraíba, e em Direito pela Universidade Federal Fluminense. Há vinte anos perdeu-se da Literatura ao pegar o atalho errado. Trabalha desde então na Justiça Federal de Niterói, como Analista Judiciária. Está refazendo os caminhos, geográficos e existenciais.

